

UM CONTO DE DUAS ÉPOCAS

José Maurício Miranda Bahri
Doutorando em Literatura Brasileira, UERJ
Pesquisador do LABELLE

*A leitura do conto, feita pela professora Dinair Fonte, está disponível em
<https://www.facebook.com/labellexx/>

Perto da hora do almoço, dona Vidinha largou as panelas e foi regar as plantas no quintal da frente. Fazia sol, mas, no ponto em que estava, uma grande árvore da rua lhe fazia sombra. Cantarolava alguma coisa quando foi interrompida pelos gritos de dona Alma:

- Vidinha, Vidinha! – vinha a vizinha velha – Já tu sabes o que anda se passando na cidade?

- Não, Alma, o que é?

- Uma moléstia! Das mais terríveis! – dizia Alma persignando-se – Deus nos guarde!

Vidinha depositou o regador no chão e encostou no muro de casa. Alma, do lado da rua, prosseguiu:

- Dizem que veio de fora, da Espanha, sabes? Mas também dizem que foram os alemães! Ora, não se conformaram de perder a guerra e agora querem se vingar, Vidinha!

- Mas ela veio da Espanha ou da Alemanha?

- Não sei, só sei que está matando!

- Não me diga! E o que faremos?

- Não sei você, mas eu vou trancar portas e janelas! Recomendo que faça o mesmo! Ah, e prepare uma canja. Nada melhor para combater uma gripe que canja.

- Sim, sim, farei isso! Vou recolher os meninos e esperar o Carlos voltar.

- Tranque tudo, Vidinha!

Trancaram-se. Alma, mesmo com a gota, ajoelhou-se diante da virgem e rezou a tarde inteira. Vidinha, confiando na vizinha, ficou até a noite a andar pela casa esperando o marido. O Carlos chegou às sete. O general, esposo da Alma, às oito.

- O que é isso, mulher? Por que a casa toda fechada?

- Ora, não ouviste falar da gripe?

- Ouvi, sim.

- E então?

- Não há o que se preocupar, Alma! É só uma gripezinha. Isso de que está matando é bobagem. Coisa da imprensa e dos opositores do presidente. Invencionices, Alma, invencionices! Ande lá e abra a casa, faz calor!

Alma suspirou aliviada porque seu general nunca mentia. Abriu as janelas e, por via das dúvidas, preparou canja para o jantar. Na casa ao lado, Vidinha nada dizia enquanto ela, o marido e as crianças estiveram em torno da mesa fazendo sua refeição. Estavam todos apreensivos porque Carlos lera que um médico dizia ser grave a coisa.

- Quem, aquele alemão? – questionava Alma no dia seguinte – Eu não lhe disse que os alemães tinham parte nisso, Vidinha? Olha, o general – Alma se referia ao marido assim – ouviu de um figurão no Catete que a economia iria quebrar se dessem crédito às sandices dos médicos! O cavalheiro é um industrial, sabe o que diz! Que ninguém ficasse em casa, pois o bicho não é feio como pintam! Teu marido não é caixeiro? Como ficarão vocês sem as viagens dele? Sem vender de porta em porta?

- É verdade, o general é um homem sensato. Ademais, não vi ninguém por aqui cair doente. – Voltou Vidinha para casa e também abriu as janelas. Convenceu Carlos a ir trabalhar e quedou-se satisfeita e despreocupada. Afinal, nunca vira gripe matar.

Naquela noite, Carlos não voltou. Nem no dia seguinte. Vidinha ficou pelas tampas de preocupação. Não sabia onde poderia estar o Carlos. Ao cabo de dois dias, um homem da vizinhança apareceu em sua porta dizendo que o Carlos estava no hospital porque sentira-se mal e desmaiara na rua: era a gripe! Desesperada, Vidinha foi procurar o marido, mas a impediram de entrar. Estava morto e sequer poderia enterrá-lo decentemente.

Alma, consternadíssima, deu a notícia ao general. Entre um sorver e outro de canja, o militar concluiu: - É, a economia também tem seus mártires.